

associação
dos geógrafos
brasileiros



NO PRÓXIMO NÚMERO

Orlando Valverde

“Carta aberta de Orlando a Orlando”.

Armando Correa da Silva

“A renovação geográfica no Brasil” — 1976/1983
(As Geografias Críticas e Radical e uma perspectiva teórica).

Maria Lúcia Estrada Rodrigues

“O processo de produção do espaço: um exercício teórico-metodológico”.

Ariovaldo Umbelino de Oliveira

“Aos trabalhadores nem o bagaço — ou a revolta dos trabalhadores dos canaviais e laranjais”.

J.J. Gebara e J.G. Baccarin

“Alterações no sistema de corte de cana, de 5 para 7 ruas: Implicações para produtores e trabalhadores”.

M.M. Zocoller, e outros

“Evolução da intermediação de mão-de-obra e implicações sobre o trabalhador volante na região de Jaboticabal”.

Antonio Thomaz J.

“Barracão — forma de controle da mão-de-obra rural recriada pelo capital: os mineiros na região de Jaboticabal”.

Pede-se permuta.

Piedese canje.

We ask for exchange.

On demande l'échange.

Man bittet um Austausch.

Si richiede lo scambio.

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA
Caixa Postal 8105
CEP 01000, SÃO PAULO, SP — Brasil

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA

59

out. 1982

associação
dos geógrafos
brasileiros



Número Especial
GEOGRAFIA
E
IMPERIALISMO

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA

O *Boletim Paulista de Geografia* não tem periodicidade regular, é editado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção de São Paulo, Edifício Geografia e História, Cidade Universitária, Caixa Postal 8105, CEP 01000, São Paulo, SP — Brasil.

Os trabalhos assinados exprimem as opiniões dos respectivos autores, e não necessariamente da AGB ou dos redatores do *Boletim Paulista de Geografia*.

DIREÇÃO: Ariovaldo Umbelino de Oliveira.

COMISSÃO REDATORIAL: Ana Maria M. C. Marangoni, José Marinho de Gusmão Pinto, Manoel F. G. Seabra.

CONSELHO CONSULTIVO: Alvanir de Figueiredo, Eva Alterman Blay, Gil Sodero de Toledo, João José Bigarella, José Pereira de Queiroz Neto, José Reis, José Ribeiro de Araújo Filho, José Martins, Juergen Richard Langenburch, Leopoldo Magno Coutinho, Luiz Augusto de Queiroz Ablas, Luiz Roberto Tommasi, Manoel Fernando Gonçalves Seabra, Orlando Valverde, Pasquale Petrone e Sérgio Estanislau do Amaral.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Gráfica da FFLCH-USP.

ASSINATURA (para o 1.º semestre de 1984, 4 números sem regularidade periódica):

Brasil Cr\$ 15.000,00
Exterior US\$ 20,00
Exemplar avulso ou atrasado consultar

Reservados todos os direitos, de acordo com legislação vigente.

Este número foi publicado com a Colaboração da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas — USP.

Publicado em 1984

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA

NÚMERO 59

São Paulo

OUTUBRO 1982

GEOGRAFIA E IMPERIALISMO

número especial

ÍNDICE

EDITORIAL 3

ARTIGOS

Santos, M. — Para que a Geografia mude sem ficar a mesma coisa (For that the Geography Changes Without stay the same) 5

Porto Gonçalves, C. W. e Moreira de Azevedo, N. — A Geografia do Imperialismo: uma Introdução (The Geography of Imperialism: an Introduction) 23

Gomes, H. — A Geografia e suas implicações no subdesenvolvimento do Terceiro Mundo (The underdevelopment of the third-world: The Geography and its implications) .. 43

Oliveira, A. U. — “Reflexões sobre o imperialismo: a incorporação do Brasil ao capitalismo internacional” (Reflections about Imperialism: The Brazil's embodiment into international capitalism) 59

Seabra, M. F. G. — “A Economia da América” (America's Economy) 115

ANEXOS

Instruções e normas para a elaboração de originais (Instructions and norms for the elaboration of originals) 161

Boletim Paulista de Geografia — Publicações recentes (Boletim Paulista de Geografia — Recent Publications) 165

Representantes do Boletim Paulista de Geografia (Representatives of the Boletim Paulista de Geografia) 169

EDITORIAL

Há dois anos, a Seção São Paulo da Associação dos Geógrafos Brasileiros faz gestões junto ao CNPq para obter recursos para a publicação de dois números do Boletim Paulista de Geografia, número 59 e 60. Após cumprir as exigências burocráticas daquele órgão, fomos notificados de que a não concessão do auxílio, por parte da Comissão Editorial do CNPq devia-se ao fato de que o Boletim Paulista de Geografia não era uma revista científica e não tinha expressão nacional. Respondemos a altura, fizemos ver àquele órgão que o BPG era uma das publicações científicas mais antigas do país e que não aceitávamos em hipótese alguma os termos da carta recebida. Fomos mais longe, na realidade o que certamente fez com que o CNPq não liberasse os recursos e fizesse tal acusação foi devido ao fato de que o nº 59 é um número especial sobre o Imperialismo. Mais uma vez, as razões políticas tentam ser encobertas sobre o manto do científico. Como resposta, o CNPq se retratou, mas não concedeu os recursos, pois, segundo o órgão eles eram escassos.

Assim, a publicação deste número especial sobre o Imperialismo se tornou um desafio para a direção da AGB-SP. Fomos à luta, e o BPG nº 59 aqui está, com atraso, mas uma realidade. Mesmo assim, julgamos que valeu a pena esperar.

Sobre o Imperialismo, muito se tem escrito ultimamente, mas, na Geografia brasileira, acreditamos estar novamente cobrindo uma lacuna. Os artigos que o compõem dão um pouco da visão atual das questões internacionais. É agora o mundo visto por olhos dos geógrafos brasileiros. É talvez mais um marco para a descolonização cultural. São os geógrafos brasileiros pensando com a sua própria cabeça. É a continuação da luta pela independência cultural e científica.

Esperamos que o debate brote e que outros números especiais sobre o Imperialismo surjam.

Comissão Redatorial

ARTIGOS

“PARA QUE A GEOGRAFIA MUDE SEM FICAR A MESMA COISA”

Milton Santos *

Quando de sua primeira fundação oficial no fim do século XIX, a Geografia não pode tirar completamente as consequências de nenhum dos fundamentos filosóficos que buscava: guardou uma retórica orientada para o homem, mas foi jogada, com os pés e mãos atados, a serviço de todo tipo de poder. A recém-criada Geografia Colonial, a idéia de região imbricada à de gênero de vida, as diversas modalidades de culturalismo, eram o lado instrumental que, na prática, faziam desaparecer a possibilidade de realmente alcançar os proclamados princípios da atividade e da unidade da Terra, assim como outros postulados. Ainda aqui e uma vez mais, o método pode se impor, quando esta, por inconsistência, não podia impor seu próprio método.

Como em toda fase de crise, como foi aquela em que a Geografia oficial se fundou, nem todos rezavam pela mesma cartilha, havendo os que propugnavam uma ciência mais engajada com a construção de um Futuro melhor para o Homem, onde ele estivesse. Mas a corrente instrumentalista ganhou, ainda que alguns propugassem um discurso humanista e até, possivelmente acreditassem nele.

Com as duas guerras e sobretudo após a segunda grande guerra, a mesma busca de renovação e o mesmo divórcio fundamental entre posições: de um lado, as preocupações sociais, de outro os mandamentos do utilitarismo. A primeira corrente deixou como herança uma certa preocupação com o bem comum, mas faltava, em bom número de casos, a elaboração de uma teoria solidamente estabelecida, fundada a um tempo nos fatos e na contribuição cada vez mais ampla de ciências que então se renovavam ou criavam. Foi desse modo que as condições se mostraram maduras para que a corrente já nascida utilitária, metamorfoseando antigas posições em

* Professor Colaborador Titular do Departamento de Geografia — FFLCH—USP.

novos aspectos e múltiplos disfarces, e ajudada pelas novas exigências de realização da economia, terminasse prevalecendo

Conforme já o escrevemos alhures,¹ a Geografia acabou por se tornar a viúva do espaço, indiferente à sorte do homem. O que preocupa essa Geografia é o homem médio e não o homem verdadeiro, e a sociedade considerada como criadora de espaços é a sociedade "global" e não a sociedade tal como ela é, dividida em classes. Tal ponto de partida constitui, ainda hoje o essencial das preocupações e da pesquisa geográfica, e termina aparecendo como se fosse o seu objeto, graças aos recursos postos à disposição dos que, conscientemente ou não, preferem tais idéias.

Felizmente, há os que se rebelam contra tal maneira de interpretar a face da terra a sua transformação pelo trabalho dos homens. Há mais de dez anos, na Europa como na América Latina, nos Estados Unidos e no Canadá como na Austrália, firmam-se reações em múltiplas direções, revestindo uma direcionalidade maior ou menor, mostrando sinceridade mais ou menos grande, num movimento semelhante àquele que sob a impulsão de PIERRE GEORGE e JEAN DRESCH, se esboçara dentro das fronteiras da França após a segunda guerra mundial e ainda agora produz os seus frutos.

No âmbito internacional, a Geografia está hoje, novamente, marcada por uma oposição de tendências.² De um lado, os que não desejam que a História se faça em favor dos povos dependentes e das classes oprimidas. Do outro, os que pugnam por uma nova ordem socialmente mais justa.

Entre os primeiros, surgem novas formas de apresentação de velhas posições, tanto mais perigosas quanto mais bem revestidas, mas há, também, uma busca de parecer outra coisa, um mimetismo cuja identificação nem sempre é fácil. A reencadernação da geografia cultural, o neo-darwinismo redivivo sob a capa da sociobiologia e um humanismo de fachada, onde se incluem postulações fenomenológicas "sui-generis".

NEOCULTURALISMO, NEODARWINISMO, SOCIOBIOLOGIA

A Geografia cultural de SAUER e de GOROU está sendo novamente promovida como um enfoque fundamental à compreensão

¹ Tratamos amplamente desse assunto em nosso livro *Por Uma Geografia Nova* (Hucitec, São Paulo, 1978) e, mais recentemente, em *Novos Rumos da Geografia* (Hucitec, São Paulo, 1982).

² Um estudo fundamental das tendências recentes da Geografia é o de Gilles Sautter (1975), que constitui uma tentativa bem sucedida de apresentar de modo objetivo, e também crítico, as diversas tendências filosóficas atuais e o modo como se apresentam na prática geográfica em diversos países.

do espaço.³ Há cerca de 40 anos, esse método conduzia a esconder as variáveis cuja dimensão ultrapassava aquelas da área estudada⁴ e atribuía à cultura particular a uma sociedade um papel que, de fato, deveria ser buscado no âmbito de uma economia mais geral cujo funcionamento, sobretudo nos países dependentes ou colonizadores, (não se falava ainda em sub-desenvolvimento) pode ser explicado sem uma vontade de ir procurar e localizar entes distantes, os interesses das grandes potências, ao mesmo tempo que as coisas internas.

Nos tempos atuais, os equívocos que o enfoque cultural suscitava se tornam mais numerosos e mais evidentes, pelo fato da internacionalização da economia. Regressar a esse método de interpretação da realidade equivale a querer eliminar os efeitos perversos de uma dependência econômica aumentada e a impor como se fosse legítima uma interpretação segundo a qual as dificuldades encontradas pelos países pobres e dependentes deverão buscar a sua explicação em causas endógenas, mais culturais que econômicas.

Dir-se-ia que as dificuldades com as quais se defronta o sistema capitalista no momento atual exigem que a nova moralidade dos negócios, a ética das grandes empresas transnacionais, também encontrem sua expressão nas ciências sociais. Estas são chamadas a dar sua contribuição à elaboração da nova ordem, através da codificação de novas regras de intercâmbio entre países, firmas e pessoas, em detrimento da moral tradicional que o próprio capitalismo se havia imposto em sua fase liberal. Trata-se, na verdade, da justificação do egoísmo em todas as escalas, desde a das relações internacionais à das relações interpessoais. O amoralismo ao qual as ciências do homem são convidadas parece indispensável para atribuir uma roupagem de idéias a um capitalismo tornado cada vez mais autoritário, carapaça pseudo-científica indispensável a manter ao preço da violência se necessário, a dominação sobre os recursos que constituem a base material do sistema, cada dia mais estreita.

É nessa mesma ordem de idéias que se busca reviver o neo-darwinismo, através sua renovação e incorporação às diversas ciências sociais.

³ A propósito da renovação do enfoque culturalista ver, entre outros, Linda Newson, "Cultural Evolution: a basic concept for human and historical geography", *Journal of Historical Geography*, 1976, nº 2, pp. 239-255.

⁴ "O desenvolvimento da Geografia Cultural utilizou-se da reconstrução, em uma área, de culturas sucessivas, começando pela mais antiga até chegar à mais recente de todas". Carl Sauer, 1931, 1962, p. 33.

Uma certa geografia já se havia apropriado no passado da corruptela do darwinismo, a que APPLEMAN preferiu apelidar de "darwinisticismo". Daí a observação de DICKINSON (1969, p. 189) ao escrever que o realmente significativo desenvolvimento do conhecimento humano, em sua relevância quanto ao desenvolvimento da geografia moderna, deu-se no terceiro quartel do século XIX, com o impacto do século XIX, com o impacto do pensamento evolucionista de Darwin (após 1859)".⁵

Não deve causar espanto que, numa fase de crise histórica aguda, um novo apelo seja feito às idéias de Darwin, como apóio à justificação do uso do poder dos mais fortes sobre os mais fracos.

A crise de nossos dias é feita também de confrontações numerosas entre detentores de matérias primas e seus potenciais usuários, de fornecedores de trabalho e emprestadores de capital. Como os que dominam a cena não desejam abandonar essa arena privilegiada embora cada vez mais contestada, a solução é o uso da violência, ainda que apresentada sob novos modelos de sofisticação. A Universidade teria que ser chamada a dar forma a novas justificações e entre as formas renovadas do darwinismo social criou-se, mesmo, uma nova disciplina, cuja rápida expansão vai, talvez, buscar sua explicação em sua utilidade. Referimo-nos à Sociobiologia, que fornece também à Geografia um novo embasamento.⁶

E, aliás, à mesma inspiração que se deve o esforço de valorização da linguagem como forma de interpretação dos fatos correntes. Trata-se, menos, da linguagem como expressão da sociedade e cuja construção se assemelha à do espaço humano, e mais da linguagem chamada "ordinária", resultado de um discurso da moda, hoje imposto facilmente às populações, como mediação perversa tornada indispensável entre a cultura profunda e a cultura de massa. A "manipulação da linguagem" sugerida por um geógrafo americano, constitui, certamente, um novo disfarce para o neo-positivismo, doutrina já surrada em nossa disciplina.⁷

Mas, o prato de resistência de SYMANSKY é o seu estudo intitulado, em associação com BURLEY, *Geography and Natural Selection Revisited*, uma espécie de apelo ao passado como o título ex-

⁵ Sobre esse tema consultar, por exemplo, D.P. Stoddart, "Darwin's Impact on Geography", *Annals, Association of American Geographers*, vol. 56, 1966, pp. 683-689.

⁶ Sobre esta questão ver vários autores citados na bibliografia.

⁷ Richard Symansky, "The manipulation of ordinary language", *Annals, Association of American Geographers*, 1976, nº 4, vol. 66, pp. 605-614.

plicíta.⁸ Para envolver-se com a moda da Sociobiologia, ele toma como ponto de partida um adepto fervoroso do chamado determinismo geográfico (HUNTINGTON, 1924).

A aplicação da Sociobiologia equivaleria à utilização de uma espécie de neo-darwinismo moderno em geografia. Aos países e às regiões seria aplicado o princípio da seleção natural, que acaba por consagrar os mais fortes e destruir os mais fracos, como resultado de uma lei inevitável que encontra similitude no próprio comportamento da Natureza. Tal lei da floresta aplicada à geografia mostra-se útil à explicação tanto das diferenças atuais entre nações como da agravação dessas disparidades como se fossem um mecanismo "normal". Sua aceitação, em nome da ciência, acaba por tornar inúteis os raciocínios que enxergam numa divisão internacional do trabalho especulativa e espoliativa a razão pela qual o resultado do esforço de milhões de homens pobres nos países dependentes passa, por meio de mil e um mecanismo, a integrar a acumulação à escala mundial.

FENOMENOLOGIA POSITIVISTA E HUMANISMO INDIVIDUALISTA

Mas o trabalho ideológico faz-se também em outras frentes, como através do humanismo e da fenomenologia.

Entre os que pregam uma Geografia "humanística", a começar pela obra pioneira de YI-FU TUAN (1965, 1971, 1974) estão, praticamente, os mesmos que sugerem a introdução de um enfoque fenomenológico em Geografia e vice-versa. EDWARD RELPH produziu, em 1970, um artigo para sugerir as relações entre fenomenologia e geografia, antes de publicar sua tese em 1973. Seu livro *Place and Placelessness* (1980) é um grande esforço na mesma direção. Aliás, YI-FU TUAN havia, também, escrito, nos *Annals of the American Association of Geographers* um artigo em sentido idêntico.

BUTTIMER, que em 1974, redigirá o seu belo ensaio sobre *Values in Geography*, e a pretexto de uma leitura dos filósofos existencialistas, propôs, em 1976, em esboço de uma fenomenologia do espaço. Outros geógrafos, sobretudo nos Estados Unidos, ocuparam-se de fenomenologia, como WALMSLEY (1974), MERCER e POWELL (1972) e BILLINGE (1977) ou do humanismo, tais como GUELKE (1974) e ENTRIKIN (1976). Mas, outros esforços foram

⁸ Esse longo trabalho de Richard Symansky e Nancy Burley, intitulado *Geography and Natural Selection Revisited*, foi publicado nas Discussion Paper Series nº 25, da Universidade de Syracuse. O debate foi retomado aos cuidados de David J. Robinson, que reuniu trabalhos de nada menos que 8 colegas, sob o título *Comments on Geography and Natural Selection*, publicado na mesma coleção em março de 1977, sob o número 26.

feitos nessa mesma linha e, se não podemos citar todos eles, seria injusto esquecer o trabalho pioneiro de LOWENTHAL (1961).

Todos esses estudos revelam diversas modalidades de interesse pelo homem, na sua qualidade de indivíduo,⁹ mas raramente concluem por fazer proposições concretas e viáveis em vista de uma mudança social que possa assegurar a chegada de uma nova situação. Pode-se dizer que, em sua maioria, eles não ultrapassam o plano dos votos piedosos; ou que seu interesse humano é apenas literário. Também se poderia criticá-los pela falta de coerência filosófica que a abundância e o amontoado de citações só faz tornar mais clara. Trata-se de um humanismo sem o homem verdadeiro e total, de uma moralidade sem consequência política. O discurso epistemológico correspondente é frequentemente confuso e a escolha das bases filosóficas de discussão é parcial. Ensaio mais bem construído, como os de BUTTIMER, poderiam tirar mais partido do enfoque fenomenológico para mostrar como "o dinamismo do mundo vivo" depende de um processo que vai, incessantemente, da sociedade ao espaço e vice-versa. Mas, o encasulamento nas idéias de HEIDEGGER acarreta uma concepção individualista e idealista, cujo resultado mais claro é o de substituir a praxis coletiva por uma praxis individual, suprimindo, assim, a possibilidade de captar o movimento da sociedade e o do espaço como dois dados contraditórios e, ao mesmo tempo, complementares.

Aquilo que se chama a prática individual não pode ser confundido com a prática coletiva, ou melhor, com a prática social. O que se chama de prática individual são os comportamentos dos indivíduos na vida corrente, conjunto de atitudes e de gestos com os quais cada homem se insere na vida de sua própria coletividade como produto e como cidadão. Desse tipo de prática, diz-se frequentemente que ela comporta uma parcela importante de escolha pessoal, de indeterminação e do que se chama a sorte.

A prática social é, na verdade, coisa diferente. Ela é um resultado direto das necessidades sociais, num lugar dado e num momento dado e, dessa maneira, ela se impõe a todos os que participam da coletividade, seja qual for sua categoria, nos mencionados lugar e momento: por isso, ela é exterior aos indivíduos e se sobrepõe a todos e a cada qual como necessária, isto é, como uma necessidade.

9 ... "o enfoque humanista jamais será realmente popular. A razão não vem apenas do fato de que ele parecerá muitíssimo menos eficiente do que a manipulação direta do encontro físico. Uma razão mais forte é que poucas pessoas se preocupam profundamente em si mesmas com o seu próprio ser. O conhecimento de si mesmo, que é a mais alta recompensa da aventura humana, foi sempre coisa suspeita na cultura ocidental".

(YI-FU TUAN (1976) pp. 275/6)

É à prática social que se deve reservar a fórmula simplificada de *prática* ou *praxis*. Sem isso, torna-se impossível apreender e materializar o próprio objeto da atividade do conhecimento. Se levarmos em conta as praxis individuais ou, melhor dito, as correspondentes a cada indivíduo, encontraríamos uma multiplicidade de objetos de referência. Desse modo, a realidade, o objeto real, apareceria pulverizado, dividido em tantos objetos particulares quantas são as pessoas a quem sua realidade concerne. Em outras palavras, o objeto em si perderia sua realidade e então nenhum conhecimento dele, como o que ele é, seria possível.

O que, na verdade, ocorre é que a prática, a *praxis*, é, antes do mais, uma realidade estrutural, estruturada e estruturante ao mesmo tempo; assim ela depende estreitamente da totalidade social e não o contrário. Os comportamentos dos indivíduos, isto é, as praxis individuais, são subordinados, estruturados pela praxis social. A liberdade que é frequentemente reconhecida aos agentes não é outra coisa senão sua participação nas praxis coletivas, por intermédio de uma escolha limitada de opções já incluídas na própria estrutura.

SMITH (1979) sugeriu que, através da popularidade alcançada pela fenomenologia, a porta ficava aberta para uma renovação do positivismo geográfico, apresentado sob novas cores.

Podemos acrescentar que dessa maneira não apenas o passo definitivo não foi dado para a ingente tarefa de filosofar em nossa disciplina, isto é, para a expansão de uma filosofia do espaço concreto que se beneficiasse da contribuição daquilo que MOSCOVICI (1977) chamou de história humana da natureza.¹⁰

10 "Para irmos além do empirismo e das debilidades do pragmatismo é necessária uma discussão mais explícita da filosofia e da sociedade. É necessário reformular o quadro conceitual e a filosofia social da Geografia. A Geografia é menos interessante do que poderia ser, em parte porque sua filosofia é geralmente implícita e conservadora e, na verdade, sua "filosofia" frequentemente é pouco mais que "metodologia". Isso tem contribuído para a síndrome do "vagão banda de música". Em vez de analisar suas insatisfações, alguns geógrafos se tornam "beachcombers wading in the shallows of their disciplines" (exemplo, a biologia). Isto também implica em que alguns tópicos (por exemplo, a pobreza) são necessariamente mais fecundo que outros (como a indústria). Mas o que se necessita não é "a topical veneer, or guilt-ridden introspection" acerca dos valores pessoais. Uma análise científica adequada dos "desprivilegiados" deve incluir os "superprivilegiados" e a produção como a distribuição da riqueza. Deveria, igualmente, incluir a respectiva produção de ideologias. Isso exige um "rekinalling of geography's holistic and historical tradition" (como exemplificado na "escola escocesa, com H. J. Fleure) e reintegrando-a com os ganhos obtidos com as "revoluções" quantitativa e comportamental, das quais até certo ponto foi a vítima".

(ANDERSON (1973) p. 5).

Falta-nos, na verdade, essa necessária articulação entre o pensamento filosófico e o nosso objeto de conhecimento, o chamado espaço geográfico.

Mais de uma vez geógrafos têm falhado no seu desejo de transportar para a geografia noções apresentada ou maduramente adquiridas no convívio dos livros de filósofos. Usando mal essas muletas, é pouco frequente que consigam fazer avançar a nossa disciplina neste ou naquele ponto.

A questão não é simples. A filosofia *na* geografia supõe, para sua eficácia, uma filosofia *da* geografia. Em outras palavras, é preciso pensar a nossa disciplina de dentro, e não de fora. Sem esse pensamento de dentro, o que se obtém é, apenas, um fraseado elegante, paramentado com citações bem arrumadas, mas é só. Um grande número de artigos e mesmo de livros recentemente publicados nos Estados Unidos corresponde ao modelo acima desenhado.

Qual a razão de um resultado tão chinfrim? A razão está no simples fato de que, quando se trata de um ramo particular do conhecimento, a filosofia particular respectiva só se pode fazer derredor de um objeto compatível e previamente preciso. Em nosso caso, por exemplo, sem isso não há como começar, nem como terminar, assim como a teoria da geografia — se queremos ter uma — é a teoria do espaço do homem, uma filosofia da geografia, se fôr admitido utilizar essa palavra, será uma filosofia do espaço do homem. Isto supõe que dois termos se ponham como princípio e fim do raciocínio: a Natureza e a Produção. Assim, conhecemos o espaço tal qual ele é, soma de coisas “naturais” e de coisas “fabricadas” e síntese dialética dessas duas séries de coisas, movida pela própria produção, isto é, pelo Homem e sua História. Fora daí, do que podemos falar? Como transferir categorias universais e portanto fixas e gerais, para a interpretação do que tem vida graças ao fato de reproduzir, em circunstâncias concretas específicas, a totalidade, em mudança, do Ser? As próprias noções fundamentais, eternas e universais de essência, processo, função e forma ganham uma nova dimensão quando aplicada ao conhecimento específico do *uso do território*, objeto de nossos esforços científicos.

SEDUÇÕES E RISCOS DO ENFOQUE MARXISTA

Diante desse projeto, o enfoque marxista aparece pleno de Seduções: noções como a de modo de produção e de formação social abarcam o todo e as partes, permitem levar em conta o movimento da história, a interação entre a vida e as formas que cria ou encontrou.

Adotar um enfoque marxista também significa que o ponto de vista da economia política deva estar presente, na análise do que chamamos regiões e nos estudos urbanos.

Eis como VAGGAGINI e DEMATTEIS interpretam os recentes progressos do marxismo em Geografia.

“Face à recusa (da geografia tradicional) em associar as estruturas territoriais e as relações sociais de produção, as quais são inteiramente funcionais em relação aos interesses das forças sociais dominantes, que essa estrutura produz e transforma *de fato*, a análise dialética e a teoria marxista abrem hoje seu caminho na geografia dos países capitalistas e isto se dá tanto mais rapidamente que, recentemente, as contradições do capitalismo atingiram aspectos de enorme gravidade no quadro de uma crise que interessa ao conjunto da sociedade ocidental e que se manifesta de uma forma mais ou menos clara através de uma utilização do espaço geográfico fundada sobre o desperdício dos recursos e sobre a injustiça social.” (VAGGAGINI e DEMATTEIS 1976, p. 140).

Essa perspectiva deverá exigir um esforço exemplar, uma vez que boa parte da literatura marxista concernente ao espaço adota um cunho mais crítico do que explícito, conduzindo, não raro, a um discurso apologético e ideológico, na medida em que vemos conceitos já estabelecidos brigando entre si, em lugar de assistirmos a uma nova geração conceitual, a ser pacientemente obtida pela análise dos fatos. Sugerimos, assim, que um ponto de vista *substantivo* seja escrupulosamente respeitado.

Temas como o da *luta de classes* e o da *acumulação do capital* são, também, muito frequentes. Muitos se contentam de mencionar esses dois temas fundamentais, pelo fato de que falam por si mesmo. Nada, certamente, é mais enganador. Tanto a discussão sobre a “luta de classes” quanto a que se faz sobre a “acumulação do capital” são terrenos escorregadios. Frequentemente conduzem a tautologias que, porisso mesmo, em nada contribuem para ajudar num esforço analítico, pois nem uma nem a outra são *objetos em si*. Exigem, porisso mesmo, um grande esforço intelectual, para permitir a *separação das variáveis* que deixem entender os respectivos processos. Não basta, em nenhum caso, alinhar um conjunto de proposições de economia política em geral. Temos de partir do espaço, como objeto concreto construído e a ele voltar, e assim contribuir, segundo os pontos de vista propostos, para a edificação das bases, que tanto nos fazem falta, de uma teoria do espaço humano. Será, sem dúvida, uma *teoria menor* embutida no bojo da *teoria maior*, que é a teoria social.

Os diversos temas deveriam ser tratados segundo um ângulo espacial e à maneira sistêmica.¹¹ Por exemplo, como considerar um dado espaço, cidade ou região, através a espacialização de conceitos como forças produtivas, meios de produção, força de trabalho, relações sociais de produção, etc. Nesse sentido um esforço sistemático globalizante ajudaria a dar ainda maior conteúdo às hipóteses fundamentais propostas: “luta de classes” e “acumulação de capital”, vistas como elementos da *construção — produção e da evolução — reprodução* de uma dada fração de espaço e da problemática que tudo isso envolve.

A consideração do papel do Estado é importante. Seria, igualmente, prudente, dar também relevo ao papel das outras instituições, acima e abaixo do Estado. A ação concreta, inclusive sobre o território, se faz por intermédio dessas *instituições* ou *organizações*, formais ou informais. A própria explicação do desenvolvimento desigual no espaço encontra na dialética entre essas instituições e seus aparelhos uma de suas explicações. Aí também se insere o tema do planejamento, cujos efeitos vão além da simples reprodução das forças produtivas, porque conduz à criação deliberada de forças produtivas novas, algumas das quais até então insuspeitadas.

E em todos os casos, impõe-se dar ênfase a aspectos menos estudados da transformação do espaço geográfico como resultado da fase mais recente do desenvolvimento do capitalismo (o período científico-técnico atual), enfatizando à luz das novas condições históricas, a novas significação das categorias marxistas de análise, o que deveria levar à incorporação no desenvolvimento teórico (se não nos exemplos concretos) de autores post-marxistas. Isso não apenas ajudaria a interpretação das realidades atuais, como reduziria o risco de dogmatismo.

EXISTENCIALISMO E PRÁTICA MARXISTA

Entre os grandes problemas da prática marxista continuam a estar a questão do encontro fecundo entre o teórico e o empírico e a da redescoberta pelo indivíduo do seu próprio futuro, nas dobras do movimento social. Na medida em que a internacionalização da economia deu à ciência geográfica, como teoria locacional da sociedade e teoria social dos lugares, uma nova dimensão, tanto uma

11 “...Não é a primazia dos motivos econômicos na explicação histórica que constitui a diferença decisiva entre o marxismo e o pensamento burguês, mas o ponto de vista da totalidade”. George Lukács, “The Marxism of Rosa Luxemburg” in *History and Class Consciousness*, Merlim Press, London, 1968, p. 27.

fenomenologia bem entendida, como um existencialismo à moda sartreana aparecem como instrumentos do conhecimento indispensáveis à ação e como componentes de uma renovação do próprio enfoque marxista.

SARTRE considerava o marxismo como uma filosofia da qual o existencialismo seria uma interpretação. Desse ponto de vista, um esforço baseado no existencialismo poderia ser de grande auxílio nessa busca. JASPERS escreveu que “pensar o mundo objetivo é (...) negá-lo como subjetivo e anexá-lo à objetividade” (...) “mas o mundo objetivo não pode reivindicar a exclusividade ...”. Tal ponto de vista pode conduzir a um encontro com os que, a partir da fenomenologia, recusam o papel histórico das praxis coletivas, redutoras das praxis individuais.¹² Nesse particular, o ensinamento de SARTRE é bem mais instrutivo. Quando, através, e apesar da prática imposta pela sociedade, o indivíduo é capaz de superar-se, ele entreve novos caminhos para ele próprio e para a sociedade.

Sabemos das restrições que se fazem, entre muitos marxistas, ao enfoque fenomenológico¹³ e às posições existencialistas,¹⁴ o primeiro

12 “Pensar o mundo objetivo é, portanto, negá-lo como subjetivo e anexá-lo à objetividade. Mas o mundo objetivo, por sua vez, não pode reivindicar a exclusividade, pois no momento mesmo em que reduz tudo a ele, eu me transformo numa pessoa que perde o prumo. E isto pode ser entendido em dois sentidos. Por um lado, fico sendo o sujeito que não tem objeto, mero centro de referencia para todo o saber — o que equivale dizer que o princípio de imanência não pode ser deslocado. Por outro lado, quer dizer, que o mundo objetivo se ordena no mundo do sujeito que sou. É a partir do meu corpo que se desenrola o espaço, como a partir de meu presente (é) que se desenrola o tempo. Sou eu o “hic et nunc” em que se apóia toda realidade objetiva. E por mais despojada que ela seja, meu conhecimento fica sempre ligado a meu ponto de vista. Por mais que eu queria deixar de ser o centro, nunca posso colocar-me do ponto de vista de Sírius, que seria o único e o verdadeiro.

KARL JASPERS, visto como no livro de MICHEL DUFRENNE e PAUL RICOEUR, “*Karl Jaspers et la Philosophie de l'Existence*”, Editions du Seuil, Paris. Excerto de um trecho publicado na *Folha de São Paulo*, 16 de abril de 1978.

13 Fenomenologia — 1. Estudo descritivo de um fenómeno ou de um conjunto de fenómenos em que estes se definem quer por oposição às leis abstratas e fixas que os ordenam, quer às realidades de que seriam a manifestação. 2. Sistema de Edmund Husserl, filósofo alemão (1859-1938) e de seus seguidores, caracterizado principalmente pela abordagem dos problemas filosóficos segundo um método que busca a volta “às coisas mesmas”, numa tentativa de reencontrar a verdade nos dados originários da experiência”. *Novo Dicionário Aurélio*.

14 *Existencialismo*. Corrente de pensamento iniciada por Søren Kierkegaard, filósofo dinamarquês (1813-1855), na qual se distinguem Martin Heidegger, Karl Jaspers (1891) e Jean-Paul Sartre e para a qual o objeto próprio da reflexão filosófica é o homem na sua existência concreta, sempre de-

Os diversos temas deveriam ser tratados segundo um ângulo espacial e à maneira sistêmica.¹¹ Por exemplo, como considerar um dado espaço, cidade ou região, através a espacialização de conceitos como forças produtivas, meios de produção, força de trabalho, relações sociais de produção, etc. Nesse sentido um esforço sistemático globalizante ajudaria a dar ainda maior conteúdo às hipóteses fundamentais propostas: “luta de classes” e “acumulação de capital”, vistas como elementos da *construção — produção e da evolução — reprodução* de uma dada fração de espaço e da problemática que tudo isso envolve.

A consideração do papel do Estado é importante. Seria, igualmente, prudente, dar também relevo ao papel das outras instituições, acima e abaixo do Estado. A ação concreta, inclusive sobre o território, se faz por intermédio dessas *instituições* ou *organizações*, formais ou informais. A própria explicação do desenvolvimento desigual no espaço encontra na dialética entre essas instituições e seus aparelhos uma de suas explicações. Aí também se insere o tema do planejamento, cujos efeitos vão além da simples reprodução das forças produtivas, porque conduz à criação deliberada de forças produtivas novas, algumas das quais até então insuspeitadas.

E em todos os casos, impõe-se dar ênfase a aspectos menos estudados da transformação do espaço geográfico como resultado da fase mais recente do desenvolvimento do capitalismo (o período científico-técnico atual), enfatizando à luz das novas condições históricas, a novas significação das categorias marxistas de análise, o que deveria levar à incorporação no desenvolvimento teórico (se não nos exemplos concretos) de autores post-marxistas. Isso não apenas ajudaria a interpretação das realidades atuais, como reduziria o risco de dogmatismo.

EXISTENCIALISMO E PRÁTICA MARXISTA

Entre os grandes problemas da prática marxista continuam a estar a questão do encontro fecundo entre o teórico e o empírico e a da redescoberta pelo indivíduo do seu próprio futuro, nas dobras do movimento social. Na medida em que a internacionalização da economia deu à ciência geográfica, como teoria locacional da sociedade e teoria social dos lugares, uma nova dimensão, tanto uma

11 “...Não é a primazia dos motivos econômicos na explicação histórica que constitui a diferença decisiva entre o marxismo e o pensamento burguês, mas o ponto de vista da totalidade”. George Lukács, “The Marxism of Rosa Luxemburg” in *History and Class Consciousness*, Merlim Press, London, 1968, p. 27.

fenomenologia bem entendida, como um existencialismo à moda sartreana aparecem como instrumentos do conhecimento indispensáveis à ação e como componentes de uma renovação do próprio enfoque marxista.

SARTRE considerava o marxismo como uma filosofia da qual o existencialismo seria uma interpretação. Desse ponto de vista, um esforço baseado no existencialismo poderia ser de grande auxílio nessa busca. JASPERS escreveu que “pensar o mundo objetivo é (...) negá-lo como subjetivo e anexá-lo à objetividade” (...) “mas o mundo objetivo não pode reivindicar a exclusividade ...”. Tal ponto de vista pode conduzir a um encontro com os que, a partir da fenomenologia, recusam o papel histórico das praxis coletivas, redutoras das praxis individuais.¹² Nesse particular, o ensinamento de SARTRE é bem mais instrutivo. Quando, através, e apesar da prática imposta pela sociedade, o indivíduo é capaz de superar-se, ele entreve novos caminhos para ele próprio e para a sociedade.

Sabemos das restrições que se fazem, entre muitos marxistas, ao enfoque fenomenológico¹³ e às posições existencialistas,¹⁴ o primeiro

12 “Pensar o mundo objetivo é, portanto, negá-lo como subjetivo e anexá-lo à objetividade. Mas o mundo objetivo, por sua vez, não pode reivindicar a exclusividade, pois no momento mesmo em que reduz tudo a ele, eu me transformo numa pessoa que perde o prumo. E isto pode ser entendido em dois sentidos. Por um lado, fico sendo o sujeito que não tem objeto, mero centro de referencia para todo o saber — o que equivale dizer que o princípio de imanência não pode ser deslocado. Por outro lado, quer dizer, que o mundo objetivo se ordena no mundo do sujeito que sou. É a partir do meu corpo que se desenrola o espaço, como a partir de meu presente (é) que se desenrola o tempo. Sou eu o “hic et nunc” em que se apóia toda realidade objetiva. E por mais despojada que ela seja, meu conhecimento fica sempre ligado a meu ponto de vista. Por mais que eu queria deixar de ser o centro, nunca posso colocar-me do ponto de vista de Sírius, que seria o único e o verdadeiro.

KARL JASPERS, visto como no livro de MICHEL DUFRENNE e PAUL RICOEUR, “*Karl Jaspers et la Philosophie de l'Existence*”, Editions du Seuil, Paris. Excerto de um trecho publicado na *Folha de São Paulo*, 16 de abril de 1978.

13 Fenomenologia — 1. Estudo descritivo de um fenómeno ou de um conjunto de fenómenos em que estes se definem quer por oposição às leis abstratas e fixas que os ordenam, quer às realidades de que seriam a manifestação. 2. Sistema de Edmund Husserl, filósofo alemão (1859-1938) e de seus seguidores, caracterizado principalmente pela abordagem dos problemas filosóficos segundo um método que busca a volta “às coisas mesmas”, numa tentativa de reencontrar a verdade nos dados originários da experiência”. *Novo Dicionário Aurélio*.

14 *Existencialismo*. Corrente de pensamento iniciada por Søren Kierkegaard, filósofo dinamarquês (1813-1855), na qual se distinguem Martin Heidegger, Karl Jaspers (1891) e Jean-Paul Sartre e para a qual o objeto próprio da reflexão filosófica é o homem na sua existência concreta, sempre de-

sendo apontado como herético e o segundo como revisionista. Mas a questão do fenômeno, definido como apenas um aspecto do real, somente encontra solução na busca do todo, de onde vêm suas determinações. A decifração do fenômeno tem de passar por uma metodologia capaz de, na prática, realizar uma importante premissa marxista: a da união dos métodos de dedução e de indução mediante o caminho que leva do fato (como forma e como evento) ao conceito a deste, já sob uma feição teórica, regresse ao fato. Como os eventos, junto com as formas, constituem, em cada momento, a historicização geográfica do Universo, as disciplinas geográficas não podem prescindir desse método.¹⁵

Por outro lado, a questão da subordinação, cada vez maior, do homem às ideologias, coloca como crucial o problema de sua liberação. O peso e a sofisticação das instituições e dos seus métodos de ação ensinam a elaboração administrativa de uma segunda natureza humana, moldada à imagem do anti-homem. É pelo mesmo mecanismo que também se criam anti-espacos, dos quais as metrópoles, — anti-cidades por excelência — são o exemplo melhor. Pode o homem escapar ao império dessa máquina que o tritura, ou sua objetificação é irremediável? O existencialismo de SARTRE parece mostrar-nos “cientificamente” que o homem não é um ser completamente perdido para o humano, restaurando-nos a confiança no futuro. Não é também essa a visão do marxismo, desde que despojada de uma crença mecanicista no econômico ou de toda outra forma de dogma?¹⁶

Ora, uma ciência do espaço que não se contente, somente, em constatar o presente e deseje contribuir para a reconstrução social

finida nos termos de uma situação determinada, mas não necessária — o “ser-em-situação”, o “ser-no-mundo” — a partir da qual o homem, condenado à liberdade, por já não ser portador de uma essência abstrata e universal, surge como o arquiteto da vida, o construtor do seu próprio destino, submetido embora a limitações concretas; filosofias existenciais: filosofias da existência”. *Novo Dicionário Aurélio*

15 “O Existencialismo, como o Marxismo, dirige-se à experiência de forma a descobrir, por seu intermédio, sínteses concretas; ele apenas pode conceber essas sínteses dentro de uma totalização progressiva e dialética que é nada mais do que história ou — do ponto de vista estritamente cultural aqui adotado — “a filosofia tornando-se o mundo” (philosophy — becoming — the — world). Para nós, a verdade é algo que está sempre surgindo ou nascendo de novo, ela já foi e ela, de novo, será. É uma totalização que está sempre sendo totalizada”. (SARTRE J.P., *Search for a Method*, 1968, p. 30).

“Fatos particulares não tem significado próprio; eles não são verdadeiros nem falsos até que sejam relacionados, à realidade em processo, através a mediação de várias totalidades parciais” (SARTRE, J.P. *Search for a Method*, 1968, pp. 30-31.)

deve, forçosamente, valer-se dos instrumentos cognitivos e teóricos que não só avaliem as virtualidades latentes nos indivíduos mas que através da entrevista e codificação das possibilidades também acelerem seu encontro consigo mesmos, isto é, com o porvir.¹⁷

A GUIA DE CONCLUSÃO

No mercado das idéias geográficas uma dicotomia aparecia bem clara nos fins do século passado e no começo do atual. Ela foi de distinção menos fácil quando da chamada “revolução teórica”. Agora torna-se mais confusa, exigindo um esforço bem maior de discernimento para separar o joio e o trigo, idéias genuínas e “marketing”, gente que assume posições próprias e a malta dos que se põem a serviço de idéias programadas. Uma primeira preocupação seria distinguir entre os que utilizam dos seus recursos intelectuais para ajudar a servir ao futuro e os que se esforçam para salvaguardar o passado. Entre estes últimos há aqueles, cujos possíveis equívocos são o resultado de convicções cimentadas em uma prática pessoal irreversível que permite falar deles como de pessoas honestas, ao menos consigo mesmos. E há os outros, os que se organizam à base de projetos financiados por agências, deliberadamente criada para isso. O objetivo destes últimos, nem sempre claramente ou imediatamente discernível, é encontrar argumentos para retardar a inevitável reconquista do homem por si mesmo, e atrazar a construção de um novo mundo.

Mas porque toda classificação generalizadora pode levar-nos a alguma margem de equívoco, talvez nem seja útil, apontar de forma inquisitorial, mas ingênua, quem são os “bons” e quem são os “vilões”. Parece-nos bem mais importante realçar as formas larvares ou camaleônicas que a geografia vem tomando de uns anos para cá. São manifestações para as quais se estão abrindo as portas de instituições as mais comprometidas com a manutenção de um capitalis-

16 “Como homem eu me defino por minha relação com o mundo e por minha relação comigo mesmo. O homem é aquele objeto presente no mundo que determina um fluxo interno o universo, uma hemorragia interna. Sou o sujeito que se revela naquele vódo do meu eu em busca da objetivação”. (SARTRE, J.P., *Being and Nothingness*, 1975, p. 345.)

“É apenas através, da psiquê humana e através do grupo que se pode operar a metamorfose das idéias em forças sociais” (BASTIDE, R. 1971, p. 209.)

17 “A realidade humana é, além do mais tudo aquilo que ainda não somos, quer dizer, tudo aquilo que nós próprios projetamos como seres humanos, através de mitos, de escolha, de decisões e de lutas”. (SCHMIDT, 1971, p. 196.)

mo selvagem e que encontra os favores de uma certa finança, corporativa ou oficial, cuja ingerência perversa na atividade intelectual mundial não é suficiente conhecida. Aliás, um traço essencial de sua própria política é exatamente o aliciamento de intelectuais estabelecidos ou emergentes, chegando, mesmo, a empalmar, mediante pecúnia, associações profissionais já estabilizadas.

Todo cuidado é pequeno. É justamente nas fases em que a história se acelera que os conceitos envelhecem mais depressa(abandonados pela realidade em mutação rápida. É a própria realidade que temos de apreender, para não vermos escapar de nossas mãos a compreensão do Presente e a possibilidade de ganhar o Futuro. Porisso também, em tais fases críticas da História, podem-se distinguir, em matéria de proposições interpretativas do real, duas modalidades extremas ou puras e uma infinidade de posições intermediárias. Cabe lembrar aqui a advertência de GRAMSCI: "... o problema da identidade da teoria e da prática se põe, especialmente, nos momentos históricos chamados de transição, isto é, onde o movimento de transformação é mais rápido. Então, as forças práticas desencadeadas realmente exigem uma justificação a fim de se mostrarem mais eficientes e mais expansivas. Também aí se multiplicam os programas teóricos que também podem ser justificados de forma realista na medida em que demonstram sua capacidade de assimilação por alguns movimentos práticos que apenas dessa maneira se tornam mais práticos e mais reais". (GRAMSCI, 1972, p. 66)

Vem, aliás, desse interesse prático, que exige urgente justificação, a possibilidade de uma grande confusão: entre o que espelha o movimento da sociedade como um todo, ainda que sob um aspecto particular e o que, como particular e se impondo à vista de todos, pode parecer geral, sem todavia, ultrapassar a condição de um fenômeno específico, bem localizado no tempo e no espaço. A expressão de ambas as situações pode, evidentemente, aparecer como se fosse teórica, em termos formais. Mas, de um lado, está a teoria baseada nos fatos, em sua expressão universal; de outro, a fechitização da aparência ou a mistificação da parte como se fosse o todo ou, ainda, do aspecto como se fosse o geral.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, J. (1973) — "Ideology in Geography: an introduction", *Antipode*, Vol. 5, nº 3, dez.
- BILLINGE, M. (1977), — "In search of Negativism: Phenomenology and Historical Geography", *Journal of Historical Geography*, 3, 1, pp. 55-67.

- BUTTIMER, A. (1974), — *Values in Geography*, Association of American Geographers, Resource Paper nº 24.
- BUTTIMER, A. (1976), — "Grasping the Dynamism of Lifeworld", *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 66, nº 2, June. pp. 277-292.
- DICKINSON, R. E., (1969) — *The Makers of Modern Geography*, Routledge and Paul Kegan, Londres.
- DORFLES, G., (1962) — *Símbolo, Comunicación y Consumo*, Ed. Lumen. Barcelona.
- ENTRIKIN, J. N., (1976) — "Contemporary Humanism in Geography", *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 66, nº 4, dec. pp. 215-632.
- GUELKE, L., (1974) — "An idealist alternative in Human Geography", *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 64, pp. 193-202.
- DOMERGUES, P., (1979) — "Sociobiology et politique: une "science" à l'heure de austerité", *Le Monde Diplomatique*, ago., p. 19.
- FISCHLER, C., (1980) — "Le combat de Richard Lewontin contre la Sociobiologie", *Le Monde Dimanche*, 28 set., p. 15.
- GRAMSCI, A., (1972) — *Introducción a la filosofía de la praxis*, Ediciones Peninsula, Barcelona.
- HUNTINGTON, E., (1924) — "Geography and Natural Selection", *Annals, Ass. of Amer. Geog.*, Vol. 14.
- KATZ-FISHMAN, W. and JAN. F., (1980) — The politics of Sociobiology, *The Insurgent Sociologist*, Vol. X, nº 1, Summer.
- LOWENTHAL, D., (1961) — "Geography, experience and imagination: towards a Geographical epistemology", *Annals Association of American Geographers*, Vol. 51.
- LUKACS, G., (1958) — "Le marxims of Rosa Luxemburg", in *History and Class Consciousness*, Merlin Press, Londres, p. 27.
- MOSCOVICI, S., (1977) — *Essai sur l'histoire humaine de la Nature*, Flammarion, Paris.
- MERCER, D. C. and POWELL, J. M. (1972) — "Phenomenology and related non-positivistic viewpoints in the social sciences", *Monash Publications in Geography*, 1.

- NEWSON, L. (1976) — "Cultural Evolution: a basic concept for human historical geography", *Journal of Historical Geography*, nº 2, pp. 239-255.
- RELPH, E., (1970) — "An inquiry into the relations between phenomenology and geography", *The Canadian Geographer*, XIV, pp. 193-201.
- (1976) — *Place and Placelessness*, Pion Ltd., Londres.
- "REVIEWS", (1976) — *Animal Behavior*, nº 24 pp. 698-718.
- RODRIGUE, A., LEWONTIN et alli. (1977) — *Comments in "Geography and natural selection revisited" by Symansky and Burley, Dep. of Geography, Univ. of Syracuse, Discussion Paper Series nº 26 mar.*
- SARTRE, J. P., (1975) — *Being and Nothingness, A phenomenal essay on ontology* (1943), Washington Square Press.
- SAVER, C., (1962) — "Cultural Geography", in P. Wagner e M. Mikesell, *Readings in Cultural Geography*, Univ. of Chicago Press.
- SAUTTER, G. (1975) — "Some thoughts on geography in 1975", *International Social Sciences Journal*, Vol. XXVII, nº 2.
- SGHMDT, A. (1975) — *The concept of nature in Marx*, NLB, Londres.
- SMITH, N. (1979) — "Geography, Science and post-positivist modes of explanation", *Progress in Human Geography*, Vol. 3, nº 3. pp. 356-383.
- SOCIOBIOLOGY STUDY GROUP, Science for people, *Sociobiology — a new biological determinism*.
- STEVENS, V. J., (1980) — "Sociobiology, Science and Human Behavior", *Monthly Review*, Vol. 31, nº 11, abril, pp. 41-49.
- STODDART, D. R. (1966) — "Darwin's impact on Geography", *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 56. pp. 683-698.
- SYMANSKY, R., (1976) — "The manipulation of ordinary language", *Annals, Ass. of Amer. Geog.*, nº 4, vol. 66, pp. 505-614.
- SYMANSKY, R. e BURLEY, N., (1976) — *Geography and Natural Selection Revisited*, Department of Geography, Syracuse University, Discussion Paper, nº 25, dec.
- TUAN, Y. F., (1965) — "Environment and "World", *The Professional Geographer*, vol. 17, nº 2, Sept. pp. 6-8.
- (1952) — "Structuralism Existencialism, and Environmental Perception", *Environment and Behavior*, Sept. pp. 319-331.
- (1971) — "Geography, phenomenology and the study of human nature", *The Canadian Geographer*, XV, pp. 181-192.
- (1974a) — *Topophilia*, Prentice Hall, Englewood Cliffs, N. J..

— (1974b) — "Space and Place. Humanistic Perspective, *Progress in Geography*, Vol. 6, pp. 212-52.

VAGGAGINI, V. e DEMATTEIS, G., (1976) — *I Metodi Analitici della Geographia*, La Nuova Italia Editrice, Firenze.

WALMSLEY, D. J., (1974) — "Positivism and Phenomenology in Human Geography", *The Canadian Geographer*, XVIII.

WILSON, E. O., (1975) — *Sociobiology: The New Synthesis*, The Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge, Mass..

RESUMO

Para que a geografia mude sem ficar a mesma coisa

O artigo repassa, analisa, critica e historia as várias correntes que existem na Geografia. Desde uma Geografia de perspectiva utilitarista, corregada de ideologismo, até uma Geografia comprometida com a construção do futuro, preocupada com as situações concretas das sociedades estudadas, e sua transformação. Retoma questões éticas, teóricas, metodológicas e filosóficas.

Recupera a análise marxista para a Geografia, levando em conta suas implicações, perigos e sedução.

Critica e denuncia, o mascaramento por que passa a Geografia contemporânea comprometida com a manutenção de um capitalismo selvagem e que encontra os favores de uma certa finança, corporativa ou oficial.

Lembra também a oposição entre uma teoria baseada nos fatos, em sua expressão universal, e a fetichização da aparência ou a mistificação da parte como se fosse o todo, bem como o envelhecimento acelerado dos conceitos quando a história se acelera.

RÉSUMÉ

Pour qui la Géographie change sans se rester la même chose.

L'article repasse, analyse, critique et fait l'histoire des les plussiers tendances qui existent dans la Géographie. Dés une Géographie qui a une perpective utilitariste, chargé des idéologismes, à une géographie engagé dans la construction du futur, prèoccupée avec les situations concrètes des sociétés étudiées, et ses transformations. Reprendre questions éthiques, théoriques, methodologiques et philosophiques.

Recouvre l'analyse marxiste par la Geographis, tenant en compte, ses implications, dangers et seductions.

Critique et dénonce, le déguisement par qui passe la géographie contemporaine, engagé avec la manutention d'un capitalisme sauvage et qui reencontre les benesses d'une certain finance, corporative ou officiel.

Rapelle aussi, l'opposition entre une théorie fondé dans les facts, dans sa expression universel, et la fetichization de la aparence ou la mistification de la part comme se fut le tout bien comme le vieillissement acceléré des concepts quand l'histoire même s'accélère.

ABSTRACT

For that the Geography changes without stay the same.

The paper repass, analysis and make a criticism and histories, the several existent tendencies into Geography today. From a Geography into a utilitarian perspective, to a Geography engaged with the futur making, worried with the concret situations and changes of societies studied. Retake ethic, theoretic, methodological and philosophical questions.

Get back the marxists analysis to Geography, considering its implications, dangers and seductions.

Criticize and denounce, the disguising made by a certain contemporary Geography, engaged with the conservation of a savage capitalism in certain cooperative or official finance favours.

Remember too the opposition between theory based in facts, in your universal expression, and the appearance fetichism or the mystification of a part as it were a whole. The accelerate obsoletism of the concepts when the history accelerate.

A GEOGRAFIA DO IMPERIALISMO: UMA INTRODUÇÃO

Carlos Walter Porto Gonçalves

e
Nilce Moreira de Azevedo

"Se o mundo fosse uma aldeia global de 100 pessoas, 70 delas não saberiam ler e apenas uma teria educação superior. Mais de 50 sofreriam de desnutrição e mais de 80 viveriam no que chamamos de habitações subumanas.

Se o mundo fosse uma aldeia global de 100 residentes, 6 deles seriam americanos. Os 6 aufeririam metade de toda a renda da aldeia e os 94 restantes viveriam com a outra metade.

De que modo poderiam os 6 ricos viver "em paz" com os vizinhos? Certamente seriam obrigados a se armarem contra os outros 94... talvez mesmo gastar, como fazemos, mais por pessoas em defesa militar do que a renda total *per capita* do resto."

(REVISTA FELLOWSHIP da Fraternidade da Recon-
ciliação, fevereiro de 1974.)

Neste texto ultrapassamos as fronteiras das disciplinas acadêmicas com a mesma facilidade com que o imperialismo transpõe as fronteiras nacionais. Era a única forma de compreendê-lo.

I — PENSAMENTO GEOGRÁFICO E IMPERIALISMO

O pensamento geográfico e o fenômeno do imperialismo têm estado tradicionalmente interligados. Desde a antiguidade, com Heródoto, que o saber geográfico se preocupa com a dominação impe-